

Capítulo IX

O mal-estar contemporâneo

Angelina Bulcão Nascimento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NASCIMENTO, AB. O mal-estar contemporâneo. In: *Comida: prazeres, gozos e transgressões* [online]. 2nd. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 157-174. ISBN 978-85-232-0907-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Capítulo IX

O mal-estar contemporâneo

Se, por um lado, os avanços da ciência e da tecnologia minoram as manifestações do mal-estar na cultura, por outro lado as acirram, reeditando-as em cada momento histórico.

O termo “mal-estar” intitula um dos trabalhos mais famosos de Freud, publicado em 1930. O criador da Psicanálise utilizou a expressão para traduzir conflitos, insatisfações, angústias, conseqüentes do combate travado entre as exigências feitas ao homem civilizado e suas demandas pulsionais.

Embora considerado um texto pessimista, mais de setenta anos após sua publicação, é possível concluir que o mal-estar não desapareceu, apenas vestiu novas “roupagens”. Modificado o *esprit du temps*, alteram-se também a natureza e as formas do mal-estar na cultura, admitiu Trivinho¹. As formas de sintoma mudam, impelidas pelas transformações que vão ocorrendo nas relações interpessoais. Para Santos, os sintomas do mal-estar adquirem nomes pomposos como síndrome de pânico, estresse, depressão, anorexia etc².

Abordaremos, neste trabalho, o termo mal-estar em seu sentido amplo, ou seja, como ansiedades indefinidas, inquietação, situações incômodas, constrangimentos, sensação de desamparo e impotência experimentados na vida cotidiana, resultantes de demandas impossíveis de serem atendidas, exigências contraditórias, frustrações impostas pela sociedade.



O MAL-ESTAR SEGUNDO FREUD

Freud nos disse que o sofrimento ameaça a humanidade a partir de três direções: do corpo, condenado à decadência e à dissolução,[...] do mundo externo que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e de nossos relacionamentos com os outros homens.

Retomou o conceito de pulsão de morte já apresentado anteriormente, mas concebida nesse texto como pulsão de destruição³, para explicar a introjeção da agressão e o conflito entre indivíduo e sociedade⁴.

Freud havia descoberto que, além da pulsão de conservação (Eros ou pulsão de vida, ou *pulsão sexual* cujo “trabalho” é combinar entre si os indivíduos humanos e, em seguida, famílias, lugares, povos e nações), existiria uma outra pulsão contrária,

que procuraria dissolver as unidades construídas por Eros. Uma parcela desta pulsão seria desviada para o mundo exterior e apareceria como agressividade e destrutividade. A inclinação para a agressão seria uma disposição instintiva original e autosubsistente. Constituiria, então, o maior empecilho à civilização.

O sujeito poderia ser comparado a uma arena onde se trava uma luta entre a pulsão sexual e a pulsão de destruição. “É essa batalha de gigantes”, escreveu Freud, “que nossas babás tentam apaziguar com sua cantiga de ninar sobre o Céu”⁵.

Embora permanecesse presente o tema do conflito entre o indivíduo e a sociedade, em quase todos os textos escritos anteriormente por Freud, a descoberta de uma pulsão primária, que trabalha no sentido da dissolução e da morte, situou o conflito numa perspectiva diferente.

Devido à disposição original e constitutiva da pulsão de destruição, presente em qualquer sujeito, este pode deslocar sua agressividade, explorando a capacidade de trabalho do semelhante, utilizando-o sexualmente sem o seu consentimento, apoderando-se de suas posses, humilhando-o, causando-lhe sofrimento, torturando-o – e matando-o.

[...] os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. — homo homini lupus. (FREUD, 1930)⁶

Ao supereu⁷, Freud dedicou os últimos itens do livro de 1930, mostrando-nos como a pulsão de destruição é capaz de aliar-se à instância que deveria representar o domínio da lei no psiquismo. Seria esperado que o supereu funcionasse, psiquicamente, como um agente da lei, devendo regular o desejo. Nesse sentido, ele trabalharia favorecendo um equilíbrio psíquico. Algo levou Freud a pensar que o supereu teria um duplo aspecto. Em um deles atua como uma instância legal, reguladora e pacificadora. Herdeiro do complexo de Édipo, proibiria o gozo incestuoso e limitaria o desejo. Entretanto, ele teria um lado cruel, sádico, que faria uma aliança com a pulsão de morte.

Pode haver também um supereu cruel⁸ que trabalharia no sentido oposto ao de um agente da lei e da regulação do desejo: ao invés de proteger o sujeito do gozo, o incitaria, ou exigiria, despoticamente, nos moldes de um imperativo categórico, a gozar.

É através da postura do supereu que a pulsão de morte volta-se para dentro e ataca o indivíduo como um “sentimento inconsciente de culpa”⁹. Essa hipótese ousada da teoria freudiana da cultura foi inicialmente proposta para explicar certos estados clínicos com pronunciados elementos masoquistas, como a neurose obsessiva e a melancolia. O paradoxo desses fenômenos está no fato de que o prazer parece acompanhar o sofrimento neurótico, como se a doença do paciente satisfizesse uma necessidade de autopunição. A partir daí, o recalçamento não foi mais visto como produto de medos reais, ou fantasmáticos, mas antes

como o resultado do esforço de apaziguar um supereu implacável, manipulador da pulsão de morte.

ALGUMAS EVIDÊNCIAS DO MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO

Nos anos 90, o estilo de vida ocidental passou por um acelerado processo de modernização resultante de transformações científicas, tecnológicas, socioeconômicas, que caracterizam o que alguns autores denominam “pós-modernidade”¹⁰. É uma época também chamada de “sociedade pós-industrial”, “pós-secular”, “sociedade industrializada avançada” cujo marco inicial ocorreu, segundo Lyotard¹¹, “por volta dos anos 50”¹².

Admitindo ter havido uma ruptura de tendências e estilos nas últimas quatro décadas, utilizaremos, neste trabalho, o termo “pós-modernidade” para nos referirmos à contemporaneidade, que consideramos ter traços específicos. Citaremos alguns desse traços que revelam os impasses das sociedades industrializadas.

No século XX, ocorreram extraordinários avanços científicos (dos mais simples – como a geladeira e as vacinas – aos mais complexos: raios *lasers*, energia nuclear, computadores, satélites etc.) transformando o mundo, especialmente nas últimas cinco décadas.

Novos mitos foram construídos para serem colocados no lugar dos mitos derrubados e que são diariamente difundidos pelos meios de comunicação. Entre outros: a liberdade sexual e a emancipação da mulher, o neoliberalismo como única solução para o desenvolvimento econômico, a aparência física atraente abrindo as portas do amor e do sucesso.

Típico de países onde impera a livre iniciativa, o mito do esforço pessoal é invocado para justificar a competição profissional, a modelagem de um corpo perfeito e aquisição de uma saúde inabalável. A idéia de que basta o esforço para vencer na vida e derrotar a morte tem sido exaustivamente incentivada, contribuindo para que o consumidor adote produtos e/ou tratamentos recomendados e utilizados por autoridades ou pessoas famosas que supostamente obtêm êxito com os mesmos.

Mas se, por um lado, a mídia ajuda a apregoar o mito do desejo próprio e da livre escolha (através de novelas e entrevistas, por exemplo), por outro lado, não consegue esconder os índices de desemprego, fracassos escolares, reprovações nos vestibulares, crianças sem escola, doentes sem hospital, demonstrando que as possibilidades de opção não são para todos.

As reportagens sobre liberdade sexual coexistem com reportagens sobre discriminação de adolescentes grávidas e mães solteiras. As manchetes sobre a prosperidade das sociedades neoliberais não ofuscam aquelas sobre a exclusão social, violência urbana. As propagandas e entrevistas com mulheres glamourosas e auto-suficientes parecem irônicas quando comparadas à divulgação da violência contra o sexo feminino.

Consideramos a crise axiológica um dos grandes desafios contemporâneos, que se manifesta das mais diversas formas. Enquanto algumas pessoas, por exemplo, enfrentam o dilema de eliminar ou não alguns fetos nos freqüentes casos de gravidez múltipla decorrente de inseminação artificial, outras banalizam o aborto, a eutanásia, a venda de órgãos, a violência contra a mulher, a corrupção.

Em livro intitulado *A era do vazio*, Lipovetsky descreveu a sociedade pós-moderna como a sociedade em que reina a indiferença de massa, “[...] onde se quer é viver já, aqui e agora ser-se jovem governada por um vazio”¹³. O autor apontou ainda algumas manifestações do que chamou “crepúsculo do dever”. Conforto e férias são mais valorizados do que a virtude, a sedução substituiu a obrigação, “o bem-estar tornou-se Deus e a publicidade seu profeta”¹⁴.

Hedonismo e narcisismo caminham de mãos dadas. O indivíduo supervaloriza sua auto-imagem, redobra cuidados com o corpo. O desencanto com as grandes causas, o esvaziamento dos ideais parecem ser preenchidos pelo investimento no lazer, na saúde, no aprimoramento pessoal, na aparência física.

Birman (1999), denominou a sociedade pós-moderna *sociedade narcísica do espetáculo* numa clara referência a Lasch (1986) e a Debord (1967)¹⁵. Tal sociedade é marcada, segundo sua análise, pelo individualismo e o autocentramento. Este último caracteriza-se pelo excesso de exterioridade e de exibicionismo. Assim é construída a hegemonia da aparência traduzida na concepção de que o sujeito é avaliado pelo que parece ser¹⁶. Em crônicas publicadas nos jornais, são freqüentes os comentários e desabafos sobre os dramas cotidianos. O escritor João Ubaldo Ribeiro é um dos que mais apontam, com a ironia que lhe é peculiar, o mal-estar contemporâneo.

Temos o aquecimento do planeta, que, segundo cientistas de renome, elevará a temperatura da Terra em uns cinco graus até o fim do século e o mar poderá subir até um metro, em relação ao de hoje, com o resultado de que, se meus descendentes (continuo a pensar que a melhor coisa do futuro é que já não estarei mais nele) quiserem continuar morando no Leblon, vão ter que se acostumar a viver em

palafitas e chegar em casa na lancha-van que nossa inventividade logo criará. Para culminar, noticia-se que, em poucos anos, as mulheres não necessitarão de homens, nem mesmo para inseminação artificial, a fim de perpetuar seus genes¹⁷.

Reformulações de comportamentos e mentalidades ocorreram e continuam ocorrendo, numa velocidade desconcertante.

Foram afetadas significativamente as relações entre pais e filhos, as relações entre os cônjuges, a disciplina do lar, a afetividade, a socialização da criança. A barreira entre as idades foi atenuada. A infância encurtou, o prolongamento da escolaridade ampliou o período da adolescência, a vida adulta começa e termina mais tarde, refletindo mudanças da concepção de tempo e espaço.

A “cultura de massa”, (termo usado por Morin para designar uma cultura forjada pelos meios de comunicação e caracterizada pela padronização dos gostos, idéias, interesses e valores), é responsável, segundo esse autor, pelo precoce ingresso da criança no setor adulto. O autor invocou a afirmação de Horckheimer de que o desenvolvimento deixou de existir¹⁸.

A geração adolescente da década de 1990 foi marcada, entre vários outros aspectos, pelas drogas e pela dança. Entre seus modelos estavam as estrelas do *rap* e pessoas admiradas, não pelo seu intelecto como acontecia nos anos 60, mas por sua fama, corpo, beleza, situação econômica. O consultor inglês de modas, David Shaw, apelidou esta geração de *I Generation*, enquanto à *Generation X* pertencem os que estão na faixa dos 25-35 anos. O primeiros se cuidam, estão ligados à saúde e à espiritualidade. Lêem *Visionaire*, *Tank*. Buscam novas experiências tais como o *trekking* no Himalaia. Curtem o prazer do paladar, bons pratos e bons vinhos, alguns se unem em confrarias, aumentando o rol dos enólogos. As novas gerações querem se divertir, apostou Shaw¹⁹.

Tais mudanças têm sido atribuídas às mudanças ocorridas na família²⁰. Entre elas, o aumento do número de pais separados e mães que trabalham fora do lar. Crianças e adolescentes não dispõem, como seus avós, de quintais ou calçadas para brincar. Resta-lhes assistir TV, navegar na Internet que lhes alarga fronteiras e lhes entope de informações. O maior acesso e facilidade aos bens de consumo tais como discos, artigos esportivos também contribui para uma visão de mundo mais ampla.

Outras transformações dizem respeito ao igualitarismo dos papéis masculinos e femininos. O ingresso da mulher no processo produtivo, o crescente número daquelas que ocupam cargos de prestígio influenciam mudanças nos papéis de esposa e mãe²¹.

Houve um esmaecimento dos tradicionais sinais masculinos e femininos e surgiu o modelo andrógino. Nos dias atuais, o número de mulheres que se matricula nas academias de musculação parece ser proporcional ao dos homens que frequentam salões de beleza. A relativização dos padrões sexuais gerou conseqüências na manutenção ou não da virgindade e na indissolubilidade do casamento²². O repúdio aos modelos tradicionais, a contestação à autoridade refletiu-se no declínio do convencionalismo, banido nos relacionamentos, nas Artes, Literatura e na Moda. Exaltou-se tudo o que era considerado de vanguarda.

Idéias e ideologias²³ tornaram-se voláteis e efêmeras. Estilos de vida, relacionamentos são freqüentemente substituídos, como são substituídos os objetos de consumo. No comportamento de “ficar”, por exemplo, busca-se o prazer com alguém que é descartado horas depois.

As guerras, a perseguição das minorias, a violência urbana, a violação dos direitos humanos estão aí servindo de exemplo... Basta abrir o jornal²⁴.

A sensação de que tudo está mudando – comportamentos, valores, hábitos etc. –, a diluição da hierarquia e do bipolarismo acarretam perda de referenciais. A certeza de que tudo é passageiro provoca perplexidade, angústia, e afeta a questão da identidade gerando um sintoma pós-moderno: o “desmapeamento”, ou seja, a coexistência de mapas, identidades, normas e valores contraditórios²⁵.

Como é possível verificar, alguns dos fenômenos aqui apontados, e divulgados exaustivamente pelos meios de comunicação de massa, constituem manifestações do mal-estar contemporâneo. Embora sumariamente traçado, o panorama da contemporaneidade que apresentamos nos possibilita enxergar, não só a reedição do mal-estar na cultura, mas também um terreno fértil para a criação de novas fórmulas suavizadoras das dificuldades de viver em um mundo tão conturbado.

O MAL-ESTAR DA ALIMENTAÇÃO

Sobre a alimentação, os alertas sobre o excesso de carboidratos, gorduras animais e açúcares têm sido feitos constantemente pela mídia, resultando no que já é chamado de “gastroanomia”, exigindo renúncias, gerando conflitos e medos. Por outro lado, no final do século passado, uma alteração

foi introduzida na alimentação: os alimentos transgênicos – que contêm produtos ou subprodutos de organismos geneticamente modificados, e que vêm gerando sérios questionamentos quanto aos seus aspectos sanitários, ecológicos, econômicos, entre outros.

Do ponto de vista cultural, essa alteração acentuou um problema atual: **o mal-estar da alimentação**. Os transgênicos reforçam uma alimentação heteronômica. Somos responsáveis cada vez menos pelo nosso cardápio, perdemos os sentidos culturais da comida, mastigamos mal, engolimos rapidamente e, sobretudo, perdemos o controle sobre o que ingerimos e, pelos riscos propagados de alguns alimentos, não sabemos o que comemos. Esse mal-estar, portanto, não decorre apenas do crescimento da fome ou da obesidade, mas subordina-se à natureza do complexo industrial alimentar, que submete a sociedade a seus interesses.

Por conseguinte, a industrialização produziu um resultado ambíguo: ampliou as capacidades de produção e tornou global o intercâmbio de produtos, mas retirou a autonomia que as sociedades agrárias tinham para produzir e identificar o alimento na sua gênese, no seu sentido e no seu conteúdo exato.

E como se não bastasse, a comida industrializada é responsável por distúrbios vários, tendo inclusive afetado a mastigação, tornando os dentes mais frágeis. A vida sedentária típica das grandes metrópoles é apontada como uma das maiores causas de problemas circulatórios e cardiovasculares. A condenação de alimentos engordativos, provocadores de doenças e ameaçadores da boa forma caminha lado a lado com o incentivo à vida saudável e à estetização do corpo²⁶.



REPORTAGENS SOBRE O MAL-ESTAR DA ALIMENTAÇÃO

Os alertas e recomendações sobre alimentos transgênicos, comida industrializada, vida sedentária, excesso de carboidratos, gorduras animais e açúcares têm sido feitos não apenas pelos médicos, mas pelos meios de comunicação, resultando na 'gastronomia'. Renúncias, arrependimentos, conflitos e medos pautaram (e continuam pautando) a alimentação na virada do milênio.

O mal-estar da alimentação foi instalado. O prazer de comer associado ao medo. Teme-se perder a saúde, mas a obesidade, considerada uma doença que provoca outras doenças, também provoca perda da auto-estima num mundo que supervaloriza a magreza. O aumento do consumo de alimentos industrializados, de frituras e gorduras, favorecendo a obesidade, tem motivado repetidas reportagens da imprensa falada e escrita sobre os ris-

cos desses novos hábitos. Paradoxalmente estes são incentivados pela própria mídia, direta ou indiretamente, ao destacar os restaurantes freqüentados pelos olímpianos, os cardápios servidos em suas festas, e associando refinamento com vinhos e iguarias importadas²⁷.

O surgimento dos transgênicos, ou “alimentos geneticamente modificados” ocuparam muitas páginas de revistas informativas²⁸.

Foram veiculadas denúncias da Associação Médica Americana sobre o número assustador de infecção alimentar. Uma reportagem alertou que não eram as pessoas que comiam fora de casa todos os dias as vulneráveis aos DVAs (Doenças Veiculadas por Alimentos). Baseada em entrevistas com nutricionistas e médicos, foram ensinadas ao leitor formas de impedir a proliferação de microorganismos. A matéria foi mais uma, entre várias, provocadoras de medo. Pois segundo depoimento do microbiologista Roberto Figueiredo, “Todos os lugares estão sob risco, desde a festinha de família até o restaurante chique”. Por mais que os alertas mudem certos comportamentos, não é possível impedir todos os riscos²⁹.

O leitor foi informado sobre alguns efeitos que a doença da vaca louca já havia causado. Foi ela a única ameaça ao império mcdonaldesco provocando mudanças no cardápio³⁰. Soube também que a famosa “bistecca fiorentina”, patrimônio da Toscana, havia sido retirada dos cardápios por ordem do governo italiano. *VEJA* narrou o funeral promovido pelos donos de açougues e restaurantes: um pedaço de carne crua pesando 25 quilos fora colocado em um caixão coberto de flores, carregado pelas ruas da cidade de Panzano, ao som dos versos da *Divina Comédia*, de Dante³¹.

Durante anos, alimentação saudável e alimentação gordurosa foram antônimos. Mas segundo os defensores das dietas das proteínas, ainda não está devidamente comprovado que o consumo de gordura abrevie a vida de pessoas saudáveis. Essa polêmica motivou muitas matérias³².

Ao anunciar o lançamento do livro de memórias do *chef* Anthony Bourdain que detonara sem complacência os podres de muitos restaurantes gabaritados, as reportagens também contribuíram para chamar atenção e assustar os que gostam de comer fora³³.

Interessante destacar que, em uma mesma matéria publicada em 31 de março de 1999, encontramos dois depoimentos antagônicos: a acusação de um especialista em Nutrição e Metabolismo da USP, segundo o qual, “o sabor mudou de gosto e foi parar nos alimentos industrializados, nas frituras e gorduras”. E logo adiante, a sinalização de que a mania de saúde tem gerado efeitos, manifestados na rejeição de salgadinhos e similares³⁴.

O MAL-ESTAR MANIFESTO NO CORPO

Transplantes de órgãos, manipulações genéticas, gravidez *in vitro*, próteses, possibilidades de escolha do sexo do filho e outras descobertas da ciência médica não têm impedido a inexorável destruição do corpo mencionada por Freud³⁵. Se algumas velhas doenças foram eliminadas, novas surgiram.

Enquanto condições desumanas de vida e de trabalho geram fadiga e subnutrição, abrindo portas para outras moléstias (como, por exemplo, a tuberculose pulmonar, a avitaminose, a intoxicação por produtos agrícolas, entre outras), as situações de competição desenfreada para adquirir ou manter altos padrões de vida também afetam o corpo e saúde do indivíduo contemporâneo. A exigência de permanente estado de alerta, observável em sociedades onde predominam ameaças de enfermidades, violência, terrorismo, provoca hiper funcionamento do sistema nervoso e hormonal, o que pode resultar em atentados à saúde³⁶. Infarto, úlcera do estômago, obesidade, pânico, ansiedade, angústia, depressão, são alguns exemplos.

Fizemos referências à conclusão de Freud de que uma das direções tomadas pelo sofrimento que ameaça o homem tem como alvo seu próprio corpo condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência. O criador da psicanálise dera destaque aos progressos científicos e tecnológicos, reconhecendo que, através de cada instrumento, o homem recria seus próprios órgãos, motores ou sensoriais, ou amplia os limites de seu funcionamento, tornando-se “uma espécie de Deus de prótese”. Alertou, porém, que o uso de todos os seus órgãos auxiliares ainda lhes causavam muitas dificuldades³⁷.

Fizemos referência também ao paradoxo pós-moderno: por um lado, o progresso das disciplinas científicas contribui para minorar o mal-estar, por outro o acirra ainda mais, como ilustram as armas nucleares, poluição, explosão demográfica, entre outros. Descobertas que podem salvar, como as medicações podem causar danos. Condições degradantes de trabalho abrem portas para várias moléstias.



REPORTAGENS SOBRE O MAL-ESTAR DA SAÚDE

Na virada do milênio foram publicadas reportagens e notícias sobre saúde em revistas informativas, indicando que a preocupação com a vida saudável, o medo de adoecer, o sofrimento físico e a morte não parecem ter sido amenizados com os progressos da ciência médica e continuavam perseguindo o homem na virada do século.

A divulgação exaustiva dos avanços da Medicina comprovavam a impotência do ser humano diante da inexorável destruição do corpo que culmina no envelhecimento e na morte. Nem os transplantes de órgãos, nem as descobertas da Genética, como a gravidez fora do útero, nem os diversos dispositivos eletrônicos usados pela ciência médica, como uma supermáquina capaz de

desvendar o interior do corpo humano, entre outros, não têm sido capazes de eternizar a juventude nem eliminar epidemias. Enquanto algumas doenças são extintas, outras surgem. A coluna é ameaçada pelo computador³⁸ e o tempo despendido diante dele tem aumentado o número dos que padecem da Lesão do Esforço Repetitivo (LER). Ébola, Dengue, AIDS se propagam. Esta última atingiu o sexo feminino em largas proporções³⁹. O mau-humor ganhou estatuto de doença chamada “distímia”⁴⁰, a dependência resultante do bronzeamento artificial originou uma nova moléstia batizada de “tanorexia”⁴¹.

Em uma entrevista sobre as doenças causadas pelos hábitos modernos, um dos mais conceituados neurologistas brasileiros, Edgard Raffaelli Jr., afirmou que “O ser humano não foi feito para agüentar o ritmo imposto pelos tempos atuais”⁴².

Uma matéria de conteúdo assustador foi publicada: as mulheres estariam tão ou mais vulneráveis a doenças do coração que o homens, propiciadas pela adoção do fumo e comidas gordurosas dos *fast-foods*, ficando menos protegidas, pela ação de hormônios, de doenças cardíacas⁴³.

Entre as síndromes da pós-modernidade, destaque maior tem sido dado à ansiedade, à depressão⁴⁴, ao estresse⁴⁵. Deste último nem mesmo as crianças de hoje escapam⁴⁶. Segundo Mezan, as manifestações mais comuns do mal-estar são de índole depressiva. Tédio, desesperança, desilusão, estão estreitamente ligadas à maneira como se organiza socialmente a subjetividade⁴⁷.

CONTRADIÇÕES DA CIÊNCIA

Um outro dilema do homem pós-moderno, pelos quais a mídia é co-responsável, é observado na dificuldade que o homem contemporâneo apresenta de não saber no que acreditar.

Pesquisas renovadas contradizem tradicionais certezas médicas, confundem os pacientes e criam modismos perigosos. Estudos de medicina clínica são divulgados a cada momento, sendo muitos deles desmentidos e reformulados como, por exemplo, notícias sobre os efeitos positivos e negativos do consumo do café, cafeína, chocolate, vinho, terapia hormonal, aspirina, fibras, dietas.

Nunca se escreveu tanto sobre doces e salgados, vinhos, temperos, molhos. Em contrapartida, nunca eles foram tão condenados, amaldiçoados, não mais por motivos religiosos e por ser fonte de prazer carnal. Médicos, nutricionistas substituíram os padres na vociferação contra o pecado da gula e a favor da virtude da temperança.

O medo de comer e o papel desempenhado pela mídia em relação ao terrorismo alimentar, aos conflitos que provoca ao

divulgar contradições da ciência e a transgressão às leis da Saúde e da Estética. Cientistas de várias áreas não chegam a um consenso sobre os benefícios ou malefícios da alimentação.

A gordura é execrada e o corpo magro é apontado como fundamental a uma boa saúde. Os riscos da obesidade são anunciados, tornaram-se matéria recorrente em jornais, revistas, noticiários televisivos.

Termos científicos como colesterol e triglicérides, doenças como diabetes e enfartes entraram no vocabulário popular e são tratados com familiaridade. Além do mais, a indústria da beleza da moda, da publicidade, o cinema, a TV, impõe padrão magrela e consegue vender remédios, roupas, etc., e assim como a indústria de alimentos, ela também fatura alto⁴⁸.

A obsessão da saúde, principal aliada da beleza física, dita regras e exige renúncias. Os meios de comunicação ajudam a consolidar a ditadura da magreza, a importância da dieta, mas ao mesmo tempo estimulam o aprendizado de iguarias, divulgam as novidades, despertam o desejo de experimentar novos sabores através de revistas de receitas culinárias, programas de TV em que a cozinha é o cenário.

Uma fonte de mal-estar relativa à patrulha alimentar merece destaque. Como já tivemos oportunidade de comentar, ao difundir as descobertas da ciência e seus desmentidos, a mídia propicia condições para conflitos, ampliando o mal-estar individual. Cientistas de várias áreas não chegam a um consenso sobre alimentação. Em um dia, tomamos conhecimento de que café é saudável, dia seguinte lemos que faz mal. Da mesma forma, o vinho tinto, o ovo, o chocolate, e outros mais, têm sido incentivados e condenados horas sim, horas não.

O chocolate tem sido tema de polêmica constante. Durante anos ele foi condenado por causa do seu alto teor calórico. No entanto, cientistas americanos descobriram seus efeitos benéficos, para o coração, do chocolate amargo. Este pode evitar infartos graças ao flavonóide, substância capaz de combater os radicais livres co-responsáveis pelo entupimento das artérias⁴⁹.

O consumo de álcool é outro exemplo. Pesquisadores de Harvard defenderam que uma taça diária de vinho tinto faz bem às coronárias, aumentando as taxas do colesterol bom, o HDL, no sangue. A alegria durou pouco. Outra pesquisa alertou para o perigo de a bebida elevar a pressão sanguínea⁵⁰.

Algumas pesquisas desmentem a eficácia de substâncias e tratamentos até então defendidos e adotados por muitos⁵¹. Considerada eficaz no combate ao envelhecimento, a vitamina E foi aconselhada para a prevenção de doenças cardiovasculares. No

entanto, o *New England Journal of Medicine* questionou essa indicação⁵². Remédios tomados durante décadas, de inofensivos passam a ser danosos de uma semana para outra.

São inúmeras as crendices em torno dos hábitos alimentares e de suas conseqüências para a saúde. Muita gente aprendeu que, após beber vinho, não deveria comer melancia. Nenhum estudo científico o comprovou⁵³.

Anúncios de produtos *light* e *diet* se alternam com propagandas de restaurantes e bares da moda, e de iguarias proibidas pelos vigilantes da saúde.

Notícias contraditórias causam insegurança e medo, provocam sensações de esquartejamento que dão origem a conflitos entre o que faz bem e o que faz mal, entre o que é certo e o que é errado.

Não é difícil suspeitar a existência de interesses comerciais na publicidade de alimentos anunciados como milagrosos, em reportagens ou livros. Lidar com isso é o mesmo que tentar conciliar apelos dionisíacos com renúncias apolíneas, o prazer sensual e o prazer ascético. Esta contradição é um dos sintomas do mal-estar contemporâneo.

Eu não acredito em mais nada do que leio. Cada dia sai uma notícia que desmente a outra. O pior é que os médicos também parecem perdidos. Apesar de dizerem que não se pode confiar cegamente na imprensa, são eles mesmos que dão declarações sobre o que faz bem e o que faz mal. (Sexo masculino, 1961, advogado, Salvador-Bahia, 2001)

Confesso que fico angustiada quando descubro que o que comia para fazer bem, me fazia mal. Agora inventaram que o açúcar artificial faz mal. Tudo faz mal. Frango com hormônios, carne contaminada, peixe com mercúrio, verduras com agrotóxicos, e até produtos *light* e *diet* são ameaças..." (Sexo feminino, 1959, comerciante, Salvador-Bahia, 2002)

Dois escritores brasileiros protagonizaram o dilema de não saber mais o que faz bem, o que faz mal. Em livro intitulado *A mesa voadora*, Luis Fernando Veríssimo, desabafou:

Agora essa. Descobriram que ovo, afinal, não faz mal. Durante anos, nos aterrorizaram. Ovos eram bombas de colesterol, não eram apenas desaconselháveis, eram mortais. Você podia calcular em dias o tempo de vida perdido cada vez que comia uma gema. [...] e agora estão dizendo que foi tudo um engano, o ovo é inofensivo. O ovo é incapaz de matar uma mosca. A próxima notícia será que bacon limpa as artérias⁵⁴.

É todo dia, nos jornais, alguém anuncia que tal ou qual alimento faz mal, para, algum tempo depois, a afirmação ser desmentida, num eterno vaivém, a que já nem mais presto atenção, desde o episódio do ovo, que agora pode ser consumido, ao da margarina, que agora é melhor não consumir.

Em entrevista a nós concedida⁵⁶, o escritor admitiu:

É hoje difícil acreditar em qualquer coisa, e muito fácil dar certa plausibilidade a teorias conspiratórias. Certamente há interesses por trás de muitas dessas 'preocupações' com a saúde da população, mas examinar isto requereria um tempo enorme.

O escritor trouxe à tona o debate sobre a soja transgênica que, segundo ele, *não ensinou absolutamente nada*.

Além de contribuir para algumas reflexões sobre um tema alimentar envolto em reticências, Ribeiro sinalizou a dificuldade de a imprensa exercer seu papel de esclarecedora da opinião pública.

O debate sobre a soja transgênica virou ideológico. Salvo melhor juízo, a soja transgênica é de direita, a natural é de esquerda. Ninguém faz idéia do que realmente se trata, mas vai na trilha dos políticos com quem costuma concordar. E, por aí marchamos, assistindo bestamente a decisões que podem afetar de maneira radical nosso futuro, sem saber nada sobre elas, a não ser que fulano é contra e beltrano a favor.

Poucos se preocupam com nossa futura dependência das empresas produtoras de sementes, no que, aliás, há até certa razão, porque todo dia ficamos mais nas mãos da Microsoft e ninguém dá bola. E como as plantas transgênicas são imunes a muitas pragas, também não se sabe se sua introdução acarretará distúrbios ecológicos graves, pois o inseto que come a planta é também comido por certos pássaros, que são comidos por outros predadores e por aí vai, nas conhecidas cadeias da natureza⁵⁷.

Indagado se, como jornalista que já foi um dia, considera de caráter sensacionalista as repetidas reportagens sobre os perigos que correm os comensais pós-modernos, Ribeiro admitiu que sim. "até porque saem 'conclusões definitivas', contraditórias o tempo todo, e o que é bom hoje mata amanhã, e vice-versa".

Autor de livro sobre sensacionalismo intitulado *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa* (1995), o jornalista Danilo Angrimani não considera da ordem do sensacionalismo as notícias apavorantes sobre comida e/ou saúde. Em depoimento enviado por e-mail em 17 de junho de 2004, afirmou:

Eu vejo o sensacionalismo estruturado principalmente sobre o 'tripé sexo, crime e escândalo' como defende Marcondes Filho. O que é

sensacionalismo, em tese: é a colocação de uma lente de aumento sobre um fato, não necessariamente sensacional; trata-se de 'sensacionalizar' determinada notícia para atrair a atenção do leitor. No caso das dietas, comidas que engordam e ginástica, não vejo sensacionalismo, porque se for levada em conta uma vida sedentária, comer doces, massas, carne vermelha gordurosa, tomar refrigerantes, cerveja, a pessoa se tornará obesa. E obesidade, segundo a agência norte-americana de saúde, é causa principal de uma série de doenças, isso é clinicamente comprovado. Quando a mídia informa que doces, hambúrgueres e refrigerantes podem matar, os meios não estão fazendo sensacionalismo, apenas servindo como câmara de eco aos estudos e pesquisas exaustivas que comprovaram esses efeitos.

Os meios de comunicação ajudam a divulgar que um número cada vez maior de alimentos ameaça, não só a estética e a propalada qualidade de vida, mas a própria vida: jornais e revistas não se cansam de informar sobre a contaminação dos alimentos, perigo dos transgênicos, vaca-louca, agrotóxicos, poluição. O medo de alimentar-se torna-se contagiante, coexistindo com o desejo de comer.

Warde analisou a diminuição da confiança ou o risco percebidos nos alimentos a partir do que considera as três principais forças competitivas do sistema alimentar moderno. A primeira delas é construída a partir dos discursos de nutricionistas e dos governos sobre o que seja uma dieta saudável. A segunda consiste nas práticas alimentares e crenças originadas da cultura culinária tradicional, e que sobrevivem às modernas sociedades. A terceira seria a característica principal dos padrões de consumo das sociedades atuais: o sabor da novidade, que pode ser visto como uma manifestação exagerada de uma neofilia nutricional. Cada uma dessas forças exerceria grande influência na atitude e na prática dos consumidores. As contradições entre elas são vistas como um reforço para incertezas associadas ao consumo de alimentos⁵⁸.

Pesquisas sobre percepção de risco, associadas ao comportamento do consumidor, têm recebido atenção de estudiosos da alimentação desde a década de 60. "Um dos debates mais intensos é o que aborda o fenômeno do risco e o papel por ele desempenhado na vida social contemporânea"⁵⁹.

Movimentos que empunham bandeiras de combate às alterações genéticas e em defesa dos alimentos naturais também contribuem para salpicar pitadas de ideologia nas refeições domésticas⁶⁰. Hoje, qualquer leigo sabe que gordura e açúcar são considerados os maiores vilões da saúde. Steingarten sinalizou que quem conduziu os EUA ao pânico do açúcar refinado foram os nutricionistas da década de 70. A partir de então, houve

uma recorrência exagerada aos adoçantes, que os anos dirão se faz bem ou mal⁶¹.

As pessoas deveriam ficar profundamente envergonhadas das fobias alimentares irracionais que as impedem de compartilhar a comida. Em vez disso, tornaram-se orgulhosas e isoladas, arrogantes e agressivamente mal informadas” acusou o autor de *O homem que comeu de tudo*.

Ele encheu páginas defendendo a ingestão de gordura e contestando as ameaças feitas por médicos e nutricionistas sobre o perigo de certos alimentos.

[...] nos tornamos mortal e irracionalmente receosos de que comer gordura nos fará engordar, provocará ataques cardíacos, induzirá ao câncer. Temerosos tanto da morte quanto de protuberâncias pouco apresentáveis, tornamo-nos incapazes de distinguir o certo do errado⁶².

Hipóteses são levantadas sobre algumas dessas teorias serem cortinas de fumaça para reais e terríveis problemas do mundo contemporâneo. João Ubaldo Ribeiro admitiu esta possibilidade, ressaltando, porém, que

isso é inevitável, não só porque as pessoas querem mesmo escapar, como porque a sociedade de consumo transformou tudo em objeto de consumo, inclusive a informação, que fica velha, gasta, obsoleta e desinteressante às vezes em questão de horas, ou mesmo minutos. Isso acontece até com tragédias ou escândalos cujo desenrolar algumas pessoas até gostariam de acompanhar, mas os jornais não dão mais atenção ao assunto, porque eles são consumidos e precisam ser substituídos⁶³.

Quanto aos perigos do prazer oral de fumar, já confirmados por uma infinidade de pesquisas de cunho científico indiscutível, acha, como ex-fumante, que “a poluição de outras origens é imensuravelmente mais grave, não há termo de comparação”⁶⁴.

Em outra crônica publicada no jornal *A Tarde*, de 11 de fevereiro de 2001, intitulada *Comer o quê?*, Ribeiro protagonizou o medo de comer que contagia o homem contemporâneo e boicota o prazer:

[...] uma categoria especial de anoréxicos: os que têm medo de qualquer comida e assim fecham a boca. [...] Que carne pode ser consumida? Frango não pode, porque as galinhas nascem e vivem sob estresse, produzindo substâncias nocivas em seus organismos, como também recebem doses de antibióticos e hormônios. Carne de porco (que, aliás, já foi proibida, mas hoje é até aconselhada, se não for gorda, pelo menos até o jornal de ontem) idem. Carne de boi também vem carregando hormônios e antibióticos, além de agora trazer o fantasma da vaca louca, assim como qualquer parte de

carneiro. Peixes e mariscos são contaminados por metais pesados e outras porcarias que jogam no mar. Leite igualmente porta hormônios e antibióticos, assim como os próprios ovos recebem periódicas acusações de falsificação. [...] Todas as verduras ou são poluídas organicamente, por esgotos industriais ou domésticos, ou estão cobertas de pesticidas e não me espantaria o anúncio de que comer um repolho contaminado acarretaria um choque anafilático fatal, em certas pessoas, não havendo previsão possível.

Quanto às frutas, tampouco se pode comer nenhuma. [...] Açúcar também faz um mal horrendo e deve-se evitá-lo a qualquer custo. O uso de adoçantes é pouquíssimo recomendado, porque, qualquer que seja ele, vai sempre aparecer alguém explicando que dá câncer. Farinha de trigo refinada é igualmente nociva. Milho e amendoim podem conter aflatoxinas, que também dão câncer. [...] Até a água de beber não é confiável, pela contaminação das fontes de abastecimento, pela sujeira dos canos e caixas d'água e por outros fatores. Não adianta recorrer a água mineral, porque, volta e meia, também aparece alguém explicando como as garrafas de tal ou qual marca estão cheias de coliformes fecais⁶⁵.

E, como se não bastasse, ataques ao mundo dos restaurantes, tais como os relatos publicados no livro *Cozinha Confidencial* (2001) de Anthony Bourdain, sobre os bastidores da alta cozinha, também podem funcionar como motivação para temer a comida servida em estabelecimentos comerciais.

Uma forma de encarar a patrulha sobre as ameaças constantes seria virar pelo avesso o terrorismo alimentar como fez Calligaris em artigo para a *Folha de S. Paulo* ⁶⁶. Invocando o chiste *a vida sem excessos nunca vale a pena*, que desafia há tempos os ditados da boa saúde, o psicanalista levantou a questão: “as condutas saudáveis podem prolongar a vida, mas a gente não sabe mais direito se a vida, uma vez limitada ou organizada por essas condutas, ainda vale a pena. Ou seja, se não posso cometer nenhum excesso, por que viver tanto?”

Acrescentou: “me consterna a idéia de que se manter em vida esteja se tornando a principal razão de viver”.

Calligaris chamou atenção para aqueles que passam os dias se preocupando com o que se preservar. Sua definição da vida é a prevenção do risco e da doença. Emaciado devido aos regimes, abstratamente exercitado por bicicletas e esteiras que não vão a lugar nenhum, adverso à promiscuidade, incerto entre preservativo, masturbação e abstinência, ele é uma figura triste: um parcimonioso de si mesmo.

E concluiu: “de tanto se preocupar em sobreviver, talvez ele esteja perdendo a capacidade de gozar”.



REPORTAGENS SOBRE O VAIVÉM DA CIÊNCIA

A revista *Veja* apontou alguns mitos derrubados pela ciência: os ditos e desmentidos sobre o colesterol, por exemplo. Depois de garantias sobre os malefícios dos ovos para o entupimento das coronárias, afirma-se que o verdadeiro vilão do colesterol alto são as gorduras saturadas, presentes principalmente na carne vermelha e nos derivados de leite.

Estudos recentes revelaram que grande parte dos hipertensos não tiveram problemas consumindo sal, até bem pouco tempo considerado de alta periculosidade⁶⁷.

Enquanto alguns afirmam que comidas picantes causam úlcera, o *British Medical Journal* publica que 80% das úlceras digestivas são provocadas por uma bactéria. As demais, por estresse ou consumo excessivo de antiinflamatórios⁶⁸.

Muitos daqueles que consomem quatro ou mais xícaras de café por dia leram que estão correndo risco de hipertensão. Depois leram que a cafeína é um potente analgésico contra a dor de cabeça.⁶⁹ Defende-se que fibras e cereais previnem o câncer de intestino.

Embora continuem garantindo que dietas ricas em fibras são saudáveis, estudos mostram que estas não evitam o surgimento de pólipos que podem se transformar em tumores malignos⁷⁰.

“ESTRATÉGIAS” PARA LIDAR COM O MAL-ESTAR NA CULTURA

Diante dos riscos e sofrimentos que o desafiam, o indivíduo lança mão de algumas estratégias para neutralizar o mal-estar. Através da prática sexual, drogas, religião, amor, mencionados pelo criador da psicanálise, o ser falante tenta minimizar a impotência diante das inevitáveis dores enfrentadas durante a existência.

Desistir do desejo, fugir da frustração, ou usar um prazer substituto foram estratégias sugeridas pelo criador da psicanálise para escapar, driblar o mal-estar. Prazeres substitutos são considerados uma alternativa⁷¹.

A luta contra precariedade do corpo e afirmação de suas potencialidades culminou, nos últimos anos, nos projetos Genoma e Biosfera II. Tais projetos visam a “saúde perfeita”⁷². As “forças diabólicas” estariam em nossos genes. Tais projetos emprestam a ilusão de fazer do homem um deus, mas não detiveram o envelhecimento nem impediram a morte.

O trabalho psíquico e intelectual é uma das possibilidades utilizadas para suportar o mal-estar. E a religião estaria entre

essas medidas paliativas. As manifestações de religiosidade coexistem independentes do deus que as sustenta, e acreditamos que este sincretismo amplie as possibilidades de satisfações substitutivas, como postulou Freud, para se lidar com o mal-estar.